

SUJEITOS DIASPÓRICOS E NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS: O ENTRE-LUGAR EM *BRAZIL-MARU*, DE KAREN TEI YAMASHITA

Marta M. Y. OTENIO¹
Pós-Graduação em Letras - Unesp

RESUMO: A Era Meiji (1868-1912) foi o período que marcou o processo de modernização e o fim do xogunato de Tokugawa Ieyasu do Japão. O povo japonês que, até então, acreditava numa identidade fixa, pura e estável, começa a sentir os reflexos dos abalos na estrutura de sua sociedade tradicional. O governo japonês, por sua vez, passa a incitar a emigração em massa dos japoneses, principalmente das famílias de agricultores, para irem trabalhar nos cafezais do Brasil. Uma forma que o governo japonês encontrou para amenizar o crescente desemprego causado pelo intenso fluxo de pessoas da zona rural para a área urbana. Nesse cenário histórico, o presente trabalho tem o objetivo principal de focalizar as possíveis negociações identitárias desses sujeitos diaspóricos que, no processo acelerado da modernização, se viram totalmente fragmentado, deslocado e descentrado. Para esta análise terei como *corpus* literário o romance *Brazil-Maru*, da nipo-estadunidense Karen Tei Yamashita. Através da análise desse romance histórico poderemos refletir sobre a utopia de um grupo de imigrantes japoneses na construção de um Novo Mundo sob a égide da modernização. Ainda, a narrativa de cinco protagonistas possibilita uma linguagem semelhante à cinematográfica, o que nos faz refletir sobre a visão de cada personagem em relação à comunidade em que vivem. Dessa forma, as interfaces desses sujeitos diaspóricos e de suas negociações identitárias serão possibilitadas pela existência de um lugar comum: o entre-lugar.

PALAVRAS-CHAVE: diáspora; entre-lugar; identidade.

ABSTRACT: *The Meiji Era (1868-1912) was the period that marked the modernization process and the end of Tokugawa Ieyasu xogunate in Japan. The Japanese nation who believed, until this time, in a fixed identity, pure and solid, begin to feel the reflexes from structure swings in its traditional society. The Japanese government, in turn, begins to stimulate the massive Japanese emigration, mainly the agriculture's families, to work in the Brazil's coffee plantations. It was a solution that Japanese government found to appease the crescent unemployment caused by people's intense flow from rural zone to urban area. In this historical stage, the principal objective of this paper is focus on possible identities negotiations of these diasporics individuals that, in the fast modernization process, were seem totally fragmented, deslocated and decentered. For this analysis I'll have as literary corpus the Brazil-Marunovel, by Nipo-American Karen Tei Yamashita. Through this historical novel's analysis we will be able to think about the utopia from Japanese immigrants group in a New World's construction under the auspices of modernization. Yet, the five protagonists narrative enables a language analogous to a projection film, what it makes us think about each character's vision in relation to the community where they live. By this way, the interfaces of these diasporics individuals and their identities negotiations will be possible by a common place's existence: the in-between.*

KEYWORDS: *diáspora; in between; identity.*

Introdução

¹ Doutoranda na Unesp de Assis.

O período Edo (1603-1868), conhecido pelo seu sistema feudal e pela linhagem de samurais, teve três distintas dinastias conhecidas como Minamoto No Yoritomo, Ashikaga Yoshimitsu e Tokugawa Ieyasu. Tokugawa Ieyasu foi o shogun mais conhecido da história dos samurais; sua dinastia estendeu-se por mais de 200 anos. Em 1854, os Estados Unidos que almejavam ampliar suas relações com os países da Ásia, obrigaram o Japão a reabrir os portos para o mundo. Com o fim do shogunato Tokugawa, em 1868 inicia uma nova era no Japão, o chamado período Meiji ou mais conhecido como a Restauração Meiji quando os costumes ocidentais invadem o país. A partir desse período (Era Meiji), poderíamos citar duas principais marcas deixadas pela reabertura do Japão para o mundo.

Uma delas é o avanço industrial estabelecido no país, num acelerado processo de modernização que levou muitos agricultores à falência e milhares de colonos perderam suas propriedades, provocando o intenso avanço urbano e a derrocada do setor agrícola devido aos maquinários que substituíam a mão-de-obra humana. Infelizmente, o país não estava preparado para abrigar e empregar esses novos colonos nos centros urbanos. Confirmando que um dos principais efeitos da revolução industrial acelerada é o caos da urbanização. Assim, uma das saídas encontradas pelo governo foi uma intensa propaganda objetivando as emigrações em massa de seus súditos para outros países. Em consequência, em 1868 ocorreu a primeira emigração para o Havaí e a ilha de Guam; em 1875, para os Estados Unidos e 1890, para o Canadá, onde trabalharam em indústrias pesqueiras e em madeireiras; além de Peru e México.

A outra marca é a indução do Japão para enveredar acirradamente na disputa econômica e tecnológica entre os Estados Unidos e os países europeus. Dessa forma, o Japão também articula campanhas expansionistas na Ásia e disputa mercado junto às potências ocidentais autodenominadas superiores e civilizadas. Provavelmente o mito do “perigo amarelo”, denominação puramente racista e xenófoba, começa a ter a sua gestação justamente pela audácia de um país asiático, saído recentemente de um isolamento de mais de dois séculos, pretender competir com os ocidentais. Um fato muito incomum para um país oriental considerado inferior e sem chances de progresso pelos ocidentais brancos.

O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação é celebrado em 5 de novembro de 1895, contudo, os primeiros imigrantes japoneses chegam no Brasil apenas no ano de 1908. Esse fato se deve à resistência da *intelligentsia* brasileira com a entrada dos japoneses no país.

Nesse cenário histórico, o presente trabalho tem como principal objetivo focalizar as possíveis construções identitárias dos sujeitos diaspóricos sob o olhar de um dos protagonistas do romance *Brazil-Marú*, de Karen Tei Yamashita : Haru. A análise desse recorte do romance possibilita a reflexão sobre a utopia dessa comunidade de japoneses sob a égide da modernização.

Os sujeitos diaspóricos de Esperança : parte de um grande sonho

A escolha da narrativa de Haru é pertinente para o trabalho a partir do momento que é através do olhar “feminino-contestador” que o clímax do enredo se desenvolve de forma mais tensa. O impacto das novas tecnologias na linha de produção demanda um grande contingente de indivíduos que não se pode reduzir ao mundo dos homens, daí entra uma nova fonte de trabalhadores, ou melhor, de trabalhadoras. Dessa forma, Avtar Brah (1996) pondera para o fato de as mulheres tornarem figuras emblemáticas da

contemporaneidade (BRAH, 1996, p. 179). Na mesma esteira, podemos refletir a linha de pensamento de James Clifford (1994): “As experiências diaspóricas são sempre gendradas” (p. 313)². As experiências diaspóricas possibilitam um leque de leituras que podem ser vistas como experiências dos homens: deslocamento, viagem e desarticulação; e experiências das mulheres: fixação, moradia, rearticulação. É nesse sentido de moradia que Haru oferece uma narrativa da negociação identitária das mulheres japonesas sob o viés do sentimento de Lar.

A história de *Brazil-Marú*, da escritora nipo-estadunidense Karen Tei Yamashita, é desenvolvida por cinco personagens: quatro homens (Emile, Kantaro, Genji e Guilherme) e uma única mulher (Haru), que relatam a saga de uma comunidade de imigrantes japoneses em construir uma utopia intitulada por eles de “Terra Prometida”. Apesar de cada narrativa ser desenvolvida sob a visão de cada um dos cinco personagens, o tempo cronológico é a marca da sequência contínua e linear dos acontecimentos que seguem o calendário da seguinte forma: *Part I: Emile* – 1925~1930, *Part II: Haru* – 1930~1945, *Part III: Kantaro* – 1945~1950, *Part IV: Genji* – 1950~1976, *Epilogue: Guilherme* – 1976~1990. Para o presente trabalho farei um recorte no romance com destaque ao período de 1930 até 1945, que corresponde à narrativa de Haru.

A vida dos colonos de Esperança é retratada por Haru com muito pessimismo, isto se deve ao próprio tempo da narrativa que se passa no auge da II Grande Guerra Mundial. Contudo, esse pessimismo tem o seu lado positivo se pensarmos o termo como uma visão crítica e contestadora, que carrega no seu bojo perguntas como “O que realmente somos?” e “O que nos tornamos?”³ (HALL, 1990, p.225). As identidades não são fixas e podem sofrer alterações na medida que a história intervém, ou seja, as identidades são construídas conforme nos posicionamos através das narrativas do passado.

Após a efervescência dos primeiros anos da formação da comunidade, os colonos começam a sentir os reflexos do cansaço, muitos estão doentes, a maioria não tem dinheiro já que todo o lucro era administrado por Kantaro, com o advento da guerra os bancos japoneses são fechados, além da própria segregação entre os japoneses devido à crença da vitória do Japão por uns e a derrota por outros.

Yamashita inicia a Parte II de Haru com uma epígrafe do filósofo francês Jean Jacques Rousseau, o trecho é extraído da obra *Julie, or The New Eloise* (1761). Conforme a epígrafe o casamento não é celebrado a satisfazer o casal, mas para preencher as lacunas deixadas pelas obrigações sociais e civis. Na realidade é o dever de equilibrar as diferenças para a felicidade da família. No caso de Haru, seu casamento representava apenas mais um contrato social necessário para manter as aparências perante os colonos de Esperança :

“Algumas pessoas dizem que casei com Kantaro por causa do grande amor, mas todos sabem que na verdade Kantaro é quem tinha um grande amor. De minha parte, eu casei por ser tão teimosa quanto ele” (YAMASHITA, 1992, p. 81)⁴.

² Diasporics experiences are always gendered. (Todas as traduções desse trabalho foram feitas por mim)

³ ‘What we really are’. ‘ What we have become’.

⁴ Some people say I married Kantaro because of great Love, but they all know that it was really Kantaro Who had great Love. For my part, I married him because I am as stubborn as he.

Haru, convivendo com Kantaro passa a vê-lo de forma diferente de quando se casou. A família para Kantaro não era constituída apenas pela esposa e os filhos, mas sim pela comunidade inteira. Quando reflete sobre os filhos, um menino e quatro meninas, Haru chega a pensar que Kantaro gostaria de ter mais um menino, mas a visão que o marido tem sobre a comunidade logo a faz concluir que já têm muitas crianças na “família”. Enquanto os homens poderiam morrer um pelo outro, as mulheres tinham os próprios filhos e talvez pudessem morrer por eles e não pelos outros. Essa visão contestadora propõe um protesto contra os valores marcados pela tradição patriarcal, no qual os ideais dos homens são mais importantes que os das mulheres.

Akira Tsuruta, o melhor amigo de Kantaro, sofria de tuberculose e a doença o consumia a cada dia. Nos seus últimos dias de vida, Haru foi quem cuidou e o confortou com leituras, conversas e lembranças do Japão, além de ser uma boa ouvinte para as reminiscências de Tsuruta. Na visão de Haru, Tsuruta era uma pessoa culta, muito educada, de comportamento calmo e paciente, ele era um dos poucos da comunidade que tinha conhecimento sobre as realidades políticas, históricas e econômicas. Numa de suas discussões com Seijiru Befu, Tsuruta é agredido por mencionar a possível derrota do Japão na guerra. Para Haru, apesar de contestar as atitudes rudes de Befu, era difícil acreditar na derrota do Japão ou mesmo imaginar o quão horrível era uma guerra. Isto tudo estava além de sua imaginação, por nunca ter presenciado tal fato. Tsuruta, na visão de Haru, era muito corajoso em expor tal opinião, já que a maioria concordava com a guerra.

Esse sentimento de lealdade pela maioria dos colonos de Esperança é equivalente a uma das características que William Safran (1991) atribui ao termo diáspora:

4) eles consideram a terra natal de seus ancestrais como o lar verdadeiro e ideal e o lugar para onde eles ou seus descendentes poderiam (deveriam) finalmente retornar – assim que as condições favorecessem⁵ (SAFRAN, 1991, p. 83).

No discurso da diáspora o termo “lar” encerra tanto o sentido de terra natal como pátria e ambos estarão sempre associados ao lugar de origem. Nesse caso, o Japão para os sujeitos diaspóricos de Esperança será sempre o lugar “sagrado”, cristalizado como o mito da terra natal. O mito do retorno para a terra natal é um aspecto operatório que possibilita solidificar a consciência étnica do sujeito diaspórico, a maioria desses sujeitos não retornam à terra natal porque não há mais uma identificação política, social ou mesmo ideológica (SAFRAN, 1991, p. 91).

Nesse sentido, apesar da maioria dos colonos de Esperança demonstrar lealdade ao Japão, eles não retornam ao país. Haru sabia que o Japão que deixara para trás não é mais o seu lar e o que restou foram apenas lembranças:

Primeiramente, tentei lembrar sobre o Japão, minha avó ou meus primos, algumas coisas que minha mãe me disse, isto ou aquilo. De alguma forma isso fez com que Tsuruta se sentisse melhor. Mas, pensei comigo mesma que talvez não pudesse ver essas pessoas novamente, e que não poderia mais voltar atrás. Era somente uma memória. Aqui é o

⁵ 4) they regard their ancestral homeland as their true, ideal home and as the place to which they or their descendants would (or should) eventually return – when conditions are appropriate.

meu lar. É o que meus pais dizem. É o que Kantaro diz. (YAMASHITA, 1992, p. 89)⁶.

Avtar Brah (1996) teoriza que nem toda diáspora encerra o desejo de retorno, apesar do termo evocar um imaginário de traumas provenientes da separação e do deslocamento, a diáspora contém o seu lado positivo que é a possibilidade de novos recomeços (BRAH, 1996, p. 193). O “sentir-se em casa”⁷ e o sentimento de lar estão intrinsecamente ligados aos processos de exclusão e inclusão que operam em determinadas circunstâncias.

O período da guerra, segundo Haru, provocou o desnortamento e o desentendimento entre os colonos de Esperança. A comunidade simbolizava o lar que os colonos elegeram para recomeçar a vida fora do Japão. Seus pais partiram do Japão devido à perseguição aos cristãos, assim como o seu sogro, Naotaro Uno, que sofreu discriminação por causa da religião e também porque queria fugir do militarismo. Todos pensaram que o Brasil, por ser a maioria cristãos, seria um lugar ideal para o recomeço e construção de um Novo Lar.

Devido à eclosão da guerra e a declaração oficial do Brasil aliado aos Estados Unidos, inicia uma perseguição aos imigrantes japoneses no país e a segregação entre os próprios japoneses. A guerra racial produzida pelas autoridades brasileiras propagou-se em todas as comunidades japonesas do Brasil, causando muito medo e pânico entre as pessoas. Muitos abandonaram suas casas nas cidades e retornaram à Esperança, em busca de proteção e abrigo. Dessa forma, a comunidade era a única esperança e a comunidade Esperança representava o mito do Eldorado, que simbolizava um “mundo perfeito, onde as fadigas humanas são atenuadas” (ESTEVEES, 2007, p. 236).

As pessoas não podiam mais circular livremente, os bancos e as escolas japonesas foram fechadas, era proibido falar em língua estrangeira, muitas famílias tiveram retrados, cartas e artefatos que lembrassem o Japão queimados e destruídos, prisões, interrogatórios, este era o caótico cenário provocado pela guerra. O processo de exclusão dos imigrantes japoneses provocado pela guerra, causou o desnortamento naqueles que acreditavam que o Brasil era o seu lar. Contudo, aos poucos os colonos de Esperança começam a se resignar com as consequências da guerra; conforme Haru, os acontecimentos externos à comunidade levava um tempo para chegar até eles.

A negociações identitárias no entre-lugar

A evocação do conceito de entre-lugar nesse estudo tem como justificativa principal o fato de que é nesse espaço intervalar que podemos repensar e desmitificar a noção de “pureza” e valores de unidade. O termo foi cunhado pelo brasileiro Silviano Santiago, que nos anos de 1970 definiu esse espaço intermediário. Outro nome a ser lembrado, quando o assunto é entre-lugar, é Homi K. Bhabha que é favorável a este espaço intervalar, pois, segundo ele, é justamente na experimentação das fronteiras que se

⁶ At first, I tried to remember things about Japan, about my grandmother or my cousins, something my mother told me, this or that. Somehow this made Tsuruta feel better. But I thought to myself that I would never see these people again, and that I could not turn back. It was only a memory. This was my home. My parents Said so. Kantaro Said so.

⁷ “feeling at home”.

favorece a descoberta de outros modos de ser e a necessidade de se adotarem outras posturas identitárias.

Segundo Homi K. Bhabha é neste espaço intersticial que o “interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (BHABHA, 2005, p. 20), confirmando o ponto de vista do teórico de que o entre-lugar é o local privilegiado das culturas. Este conceito, no que se refere à *Brazil-Marui*, mostra-se imprescindível, uma vez que os japoneses vivem diretamente a experiência do entre-lugar.

Num dos episódios narrados por Haru podemos contextualizar de que forma os sujeitos diaspóricos negociam suas identidades culturais. Naotaro Uno, seu sogro, estava com forte dor de dente e necessitava de cuidados médicos. Haru decide acompanhá-lo até a cidade de São Paulo para fazer o tratamento com um amigo dentista da família. Terminado o tratamento dentário, policiais invadem o consultório e levam Naotaro Uno e o amigo Kohei Takehashi para a prisão. Após três dias presos, retornam para casa e relatam o interrogatório:

“Você declara lealdade ao Estado Japonês? Você renunciaria sua cidadania Japonesa?”

“Eu sou um cidadão do mundo.”

“Japonês louco! Do que ele está falando?”⁸ (YAMASHITA, 1992, p. 97).

Naotaro Uno não é um louco, ele apenas reforça a necessidade de desmitificar a unidade de valores e de pureza, ao mesmo tempo que não nega a sua filiação ao Japão ele não assume, negocia uma alternativa intervalar tentando dissociar sua imagem daquele país da melhor maneira possível. Após esse episódio Takehashi e sua esposa resolvem partir para Esperança.

O pai de Haru, Takeo Okumura, era o diretor da cooperativa e muito respeitado na comunidade devido ao caráter honesto, sério e responsável. Bahiano, por sua vez, era um brasileiro dono de várias extensões de terras que passou a cultivar uma amizade com Takeo Okumura. Devido às diversas histórias sobre o uso da violência por parte de Bahiano e de seus jagunços, muitos da comunidade não aprovavam tal amizade. O que na opinião de Haru era um exagero, pois Bahiano sempre teve respeito pelo trabalho e pela cultura dos imigrantes japoneses. Juntos, Bahiano e Takeo Okumura, construíram estradas entre Esperança e Santa Cruz, e sempre conseguiram se entender nos seus diferentes modos de ser.

Durante o período da guerra, como uma das leis proibia o cidadão japonês de exercer qualquer cargo de diretor ou de presidente de empresas, Takeo Okumura resolveu nomear Bahiano para o cargo de diretor da cooperativa. O que pareceu ser uma boa ideia logo se transformou em pesadelo para o pai de Haru. Bahiano queria saber sobre os mecanismos de uma cooperativa, mas não conseguia aceitar a ideia de compartilhar. Takeo Okumura empenhou-se seriamente em passar a filosofia de uma cooperativa à Bahiano. Apesar da resistência, Bahiano consegue compreender o significado de compartilhar, e

⁸ “Do you profess loyalty to the Japanese state? Would you renounce your Japanese citizenship?”

“I Am a citizen of the world.”

“Crazy Japanese! What’s he talking about?”

aprende como realmente funciona uma cooperativa. Para Haru, seu pai conseguiu algo inédito: converteu uma pessoa insensata em complacente.

As tensões sociais provocadas pela guerra colaboraram para o surgimento de sociedades secretas que traziam no seu bojo o sentimento ultrajaponês para reforçar a identidade nipo-brasileira (LESSER, 2001, p. 239). A sociedade secreta mais conhecida no Brasil era a Shindo Renmei⁹, segundo Jeffrey Lesser, era composta por um grupo de aposentados do exército japonês, descontentes e furiosos pelo Brasil ter se aliado aos Estados Unidos (LESSER, 2001, p. 241).

A Shindo Renmei dividiu a população nipo-brasileira em duas facções: aqueles que acreditavam na vitória do Japão – *Kachigumi* – e aqueles na derrota – *Makegumi* –. Os fanáticos começaram a destruir e incendiar propriedades, sobretudo aquelas que cultivavam a produção do bicho-da-seda, cujo produto, segundo os fanáticos, seria utilizado para a fabricação de pára-quadras destinados aos militares dos Estados Unidos. Takeo Okumura foi acusado de traidor por incitar a produção do bicho-da-seda na sua cooperativa. Num dos incêndios provocados pela seita, Takeo Okumura foi pego em uma emboscada e morto por cinco homens que gritaram: “Okumura! Traidor!”¹⁰ (YAMASHITA, 1992, p.114). A morte de Takeo Okumura, diretor da Cooperativa de Esperança, nos faz lembrar o fato histórico ocorrido em março de 1946, quando o diretor da Cooperativa de Bastos foi assassinado a tiros por cinco integrantes do movimento Shindo Renmei (LESSER, 2001, p. 244).

A morte de Takeo Okumura simboliza o fim do apogeu da comunidade de Esperança, e o fim da narrativa de Haru.

Concluindo

Brazil-Marú é um romance histórico que possibilita uma leitura emancipatória sobre as construções identitárias dos primeiros imigrantes japoneses. Aqueles que vieram com o sentimento de construir um lar, de desbravar e colonizar. Esperança tem na sua etimologia o sentimento de realização de um desejo e esse sentimento principal foi o carro chefe que impulsionou esse pequeno grupo de cristãos. O romance também nos convida a repensar e desmitificar os estereótipos da mulher japonesa. A desconstrução da forte organização patriarcal é possibilitada através do olhar crítico e emancipatório de sua protagonista Haru.

Se pensarmos que o fenômeno diáspora constitui uma crítica às origens fixas e pressupõe a diferença entre o desejo de um lar e o desejo da terra natal, os sujeitos diaspóricos negociam suas identidades conforme os diferentes contextos e circunstâncias que surgem em suas vidas. A negociação identitária somente será possibilitada através de um lugar nem cá e nem lá: o entre-lugar.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

⁹ O Caminho dos Súditos da Liga do Imperador (LESSER, 2001,p. 241).

¹⁰ “Okumura! Traitor”.

_____. **Nation and narration.** London/New York: Routledge, 1990.

_____. The Third Space. In: RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). **Identity: community, culture, difference.** London: Lawrence and Wishart, 1990: p. 207-221. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford.

_____. Culture`s in between. In: BENNETT, David (Ed.). In: BENNETT, David (Ed.). **Multicultural states: rethinking difference and identity.** London; New York: Routledge, 1998, p. 29-36.

BRAH, Avtar. Diaspora, border and transnational identities. In: _____. **Cartographies of diaspora: contesting identities.** London; New York: Routledge, 1996, p. 178-248.

BRUBAKER, Rogers. The 'diaspora' diaspora. **Ethnic and Racial Studies**, London, v. 18, n. 1, p.1-19, jan. 2005.

CLIFFORD, James. Diaspora. **Journal of Cultural Anthropology**, Troy, NY, v. 3, n. 9, p. 302-38, 1994.

COHEN, Robin. Diasporas and the nation-state: from victims to challengers. In: **International Affairs**, Vol. 72, no. 3, Ethnicity and International Relations (jul., 1996), p. 507-520. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2625554> . Acesso em 24 de abril de 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3ª. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). **Identity: community, culture, difference.** London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homelands and return. **Diaspora: a Journal of Transnational Studies.** Toronto: University of Toronto Press, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos.** Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1978, p. 9-26.

YAMASHITA, Karen Tei. **Brazil-Marui.** Minneapolis: Coffee House Press, 1992.